

**A CONDIÇÃO CIENTÍFICA DA MUSEOLOGIA NAS PÁGINAS DA
MUSEOLOGICAL WORKING PAPERS: o Comitê Internacional para Museologia e a
busca por uma legitimidade epistemológica**

**THE SCIENTIFIC CONDITION OF MUSEOLOGY ON THE MUSEOLOGICAL
WORKING PAPERS PAGES: the International Committee for Museology and the
search for an epistemic legitimacy**

Alisson André Jesus de Almeida¹

Ana Carolina Gelmini de Faria²

RESUMO

O debate sobre a condição científica da Museologia tem ganhado força desde os anos 1980, principalmente através das publicações do Comitê Internacional para a Museologia (ICOFOM), que integrou o Conselho Internacional de Museus (ICOM) a partir de 1977. Para compreender a intensificação do debate sobre o status científico da Museologia durante os anos 1980, este artigo aborda como se construiu o conceito moderno de ciência entre os séculos XVI e XVII, durante o processo histórico chamado de Revolução Científica, e como o modelo das ciências naturais se tornou paradigmático para toda forma de conhecimento que se pretendesse científica. Procura situar o surgimento das ciências humanas em sua fase moderna, já no século XIX, e como a sociologia positivista pretendia estender às ciências sociais o mesmo grau de cientificidade das ciências naturais. Chegando ao século XX, investiga por meio de revisão de literatura a emergência da Museologia como uma ciência. Tendo por estudo de caso a revista intitulada em inglês *Museological Working Papers* (MuWoP) e em francês *Documents de Travail en Muséologie* (DoTraM), publicado pelo ICOFOM em 1980, é realizada uma primeira análise documental, que destaca as opiniões de alguns profissionais de museu sobre a possível condição científica da Museologia, observáveis no primeiro número do periódico. Conclui que o *MuWoP/DoTraM* é um documento de referência do campo museológico tanto em perspectiva histórica, ao evidenciar uma caminhada em defesa da legitimidade epistemológica da Museologia, como teórica, ao se tornar um registro dos debates de formulação dessa ciência.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPGMusPa) da mesma Universidade. E-mail: alisson.almeida@ufrgs.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4160-3193>.

² Doutora e mestre em Educação (UFRGS). Docente do Curso de Museologia do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DCI/FABICO/UFRGS) e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da mesma Universidade (PPGMusPa/UFRGS). Membro dos grupos de pesquisa do CNPq "Escritas da história em museus: objetos, narrativas e temporalidades" e do "GEMMUS - Grupo de Estudos em Memória, Museus e Patrimônio". E-mail: carolina.gelmini@ufrgs.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0727-9991>.

Palavras-Chave: ciência; museologia; Conselho Internacional de Museus; Comitê Internacional para Museologia; MuWoP/DoTraM.

ABSTRACT

The debate on the scientific condition of Museology has been gaining strength since the 1980s, mainly through the publications of the International Committee for Museology (ICOFOM), who joined the International Council of Museums (ICOM) from 1977. To understand the intensification of the debate about the scientific status of Museology during the 1980s, this article discusses how the modern concept of science was constructed between the 16th and 17th centuries, during the historical process called the Scientific Revolution, and how the model of natural sciences became paradigmatic for any form of knowledge that was intended to be scientific. It seeks to situate the emergence of the human sciences in their modern phase, already in the 19th century, and how positivist sociology intended to extend to the social sciences the same degree of scientificity as the natural sciences. Reaching the 20th century, it investigates through a literature review the emergence of Museology as a science. Having as a case study the journal entitled *Museological Working Papers* (MuWoP) in English and *Documents de Travail en Muséologie* (DoTraM) in French, published by ICOFOM in 1980, a first documentary analysis is carried out, which highlights the opinions of some museum professionals about the possible scientific condition of museology, which can be observed in the first issue of the journal. It concludes that the MuWoP/DoTraM is a reference document in the museological field in both a historical perspective, as it shows a walk in defense of the epistemological legitimacy of museology, as well as a theoretical one, as it becomes a record of debates on the formulation of this science.

Keywords: science; museology; International Council of Museums; International Committee for Museology; MuWoP / DoTraM.

Submissão: 12 abr. 2021

Aprovação: 4 jun. 2021

1 INTRODUÇÃO

“Ciência” é uma palavra de origem latina que significa “conhecimento”. A produção de conhecimento é uma tentativa de compreensão do mundo. Nessa busca, culturas humanas fizeram e fazem uso de diferentes métodos, visando interpretar a realidade por meio das referências sociais e culturais que as cercam. A astrologia maia ou a medicina egípcia são exemplos desse processo, embora elas não sejam consideradas científicas de acordo com os critérios da moderna ciência ocidental.

Entre as várias formas de obtenção de conhecimento que a humanidade desenvolveu ao longo de sua história, um método específico praticamente monopolizou a legitimidade do que poderia ser considerado como única forma de produção de informação válida desde o século XVI: o método científico surgido na modernidade ocidental. Desde então e até hoje, os conhecimentos produzidos através do método científico costumam ser invocados quando se quer encerrar cabalmente

uma discussão, uma vez que esses teriam a capacidade de estabelecer uma suposta verdade objetiva.

No entanto, é próprio do conhecimento científico deixar sempre em aberto a possibilidade de que novas informações, processos ou métodos venham a mudar a forma como vemos ou pensamos algum fenômeno natural ou social. Sendo assim, as ideias sobre a Museologia, que se afirmou como disciplina científica apenas na segunda metade do século XX, têm estado em constante dinâmica desde as suas origens. Das coleções privadas aos museus públicos, do museu tradicional ao ecomuseu e os museus comunitários, profissionais de museus têm debatido e produzido conhecimento sobre o que eles defendem ser a Museologia ou sobre como ela idealmente deveria ser, ou seja, embora seja uma disciplina de constituição relativamente recente, a Museologia há décadas conta com uma crescente produção científica de caráter tanto descritivo quanto normativo.

Talvez seja possível fazer Museologia sem conhecer sua estrutura científica, mas, se nos aprofundarmos em sua estrutura epistemológica, estaremos preparados para enfrentar os desafios teórico-metodológicos que se colocam diante dos profissionais do campo através de novos problemas, demandas e potenciais criados por uma sociedade cujas mudanças apresentam-se cada vez mais aceleradas. Nesse sentido, pesquisar sobre sua dimensão teórica é fundamental para compreender e desenvolver não apenas a própria teoria, em seus múltiplos aspectos, mas também a prática museológica cotidiana que ela orienta.

Assim, o estudo preliminar a ser compartilhado nas próximas seções compõe a pesquisa de mestrado em andamento da primeira autoria no Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGMusPa/UFRGS), sob orientação da segunda autoria. Buscando compreender quando, onde e através de quais meios a Museologia se legitimou como um ramo do conhecimento científico ocidental, e como os agentes do campo museológico se apropriaram desse conhecimento, apresentaremos indícios da organização do Comitê Internacional de Museus do Conselho Internacional de Museus (ICOFOM/ICOM), cenário de formulações e trocas científicas, por meio de revisão bibliográfica, e uma aproximação analítica do primeiro número do periódico *Museological Working Papers* (MuWoP), em francês *Documents de Travail en Muséologie* (DoTraM), publicado pelo ICOFOM em 1980, por ser um documento que

favorece interpretações das relações instituídas para legitimação da Museologia na condição de disciplina científica.

2 A REVOLUÇÃO CIENTÍFICA E O MODELO DE CIENTIFICIDADE DO MUNDO MODERNO

A prática científica pré-moderna, entendida como um conceito amplo que compreende a busca da humanidade pelo conhecimento acerca do mundo e do homem, já estava presente nas sociedades pelo menos desde a Antiguidade. Ainda na Grécia Antiga, Arquimedes praticava matemática, geometria, física e astronomia, tendo ficado célebre, entre outras coisas, por ter desenvolvido um método para calcular o volume de objetos com formas irregulares (MOHNSAM, 2014). Não trataremos aqui de realizar uma breve história da ciência, mas cumpre apenas salientar sua presença constante sob diversas formas desde a Antiguidade até a contemporaneidade em um caminho repleto de continuidades e rupturas.

Mesmo antes da Revolução Científica do século XVI já haviam disciplinas estabelecidas, como a Matemática, Geometria, Astronomia, Ótica, Mecânica, além de outras fundadas na Medicina, como a Anatomia, Fisiologia e Farmacologia (BYNUM, 2018). Logo, a contribuição da Revolução Científica não foi a invenção de uma prática científica onde antes nada havia, mas o desenvolvimento de um modo específico de realizar a busca pelo conhecimento, distanciando-se da chamada “filosofia natural” que prevalecia até então, e estabelecendo a chamada ciência moderna.

Embora o termo “revolução”, em História, indique uma mudança súbita e radical, a Revolução Científica se mostrou mais como um processo que tomou forma em um período de aproximadamente um século, entre as “Revoluções das esferas celestes” de Nicolau Copérnico, em 1543, e os “Princípios matemáticos da filosofia natural” de Isaac Newton em 1687. John Henry (1998) afirma que a montagem da Revolução Científica se deu no século XVI, o foco principal no XVII e a consolidação no século XVIII.

Durante esse período foi gestada uma nova concepção de ciência: objetiva, metódica, racional e quantificante. Um elemento importante da Revolução Científica foi a matematização da natureza, ou seja, a mensuração precisa dos fenômenos naturais em sua variabilidade dinâmica, como a velocidade, o peso ou a temperatura. Esses conhecimentos tiveram aplicações práticas que geraram um otimismo em relação à essa nova forma de fazer ciência. A navegação e a cartografia, por exemplo,

se beneficiaram da aplicação desses novos conhecimentos em uma época na qual a exploração marítima estava na ordem do dia.

O conhecimento científico se materializava em novos instrumentos que serviam para vasculhar e desnudar o mundo desde os menores objetos terrenos até os maiores corpos celestes: telescópio, microscópio, barômetro e termômetro foram alguns desses instrumentos que serviram para consolidar o método experimental e clamar legitimidade para o novo método científico. Como afirma John Henry (1998), o método experimental tornou-se um dos traços característicos mais marcantes da Revolução Científica:

O que em geral se designa hoje por 'método experimental' é um procedimento artificial efetuado num laboratório para testar uma hipótese muito específica dentro de uma estrutura teórica considerada confiável. Ele dependerá, provavelmente, do uso de um equipamento especial, em muitos casos projetado e feito para esse experimento específico. Será também concebido de modo a excluir, tanto quanto possível, todas as demais variáveis, exceto a que está sendo testada. Será, em princípio, infinitamente replicável, de tal modo que os resultados possam ser verificados inúmeras vezes [...]. É precisamente esse 'método experimental' que permite hoje aos cientistas reivindicar sua imensa autoridade cognitiva. (HENRY, 1998, p. 48)

As conquistas matematicamente comprováveis e as visíveis aplicações práticas alcançadas por esse novo modo de fazer ciência fizeram com que ela ganhasse credibilidade suficiente para que seu modelo fosse aceito como o padrão universal de conhecimento válido. Dessa forma, todo conhecimento que pretendesse se estabelecer como científico deveria atender às exigências desse novo modelo. Essa máxima se dá com a definição de Descartes da *res cogitan*: enquanto duvido, estou pensando, e não poderia existir sem pensar - inaugurando o discurso do Método:

'Se ainda não se encontrava o conhecimento verdadeiro é porque não se estava usando a razão corretamente'. Descartes faz uma operação incomum até então, ao empregar a razão para refletir sobre a própria razão de modo a se poder descobrir qual sua natureza e seu alcance; assim, seria possível encontrar a melhor maneira de empregá-la. Se até aquele momento se buscara um fundamento seguro para o conhecimento na 'realidade fora de nós' (Platão o teria 'encontrado' no Mundo das Ideias; Aristóteles, na Substância; Tomás de Aquino, no Ser, entre tantos outros exemplos), Descartes teria inaugurado uma nova fase na história do pensamento em que a base do edifício do conhecimento deveria ser descoberta nos próprios homens, mais precisamente na razão. (MENDONÇA; CAMARGO JR., 2016, p. 3, grifos do autor)

Para o filósofo, o método de construção da razão consiste em quatro passos: 1) regra da evidência, que consiste em nunca aceitar de forma precipitada qualquer informação como verdadeira que não se apresenta com clareza e distinção, havendo de colocá-la em dúvida; 2) regra da análise, dividindo cada uma das dificuldades em

partes que forem necessárias para melhor solucioná-las; 3) regra da síntese, que tem por premissa conduzir por ordem os pensamentos, do mais simples ao mais complexo, estabelecendo uma ordenação; e 4) regra da enumeração, contemplando tantas verificações e revisões necessárias, gerais e complexas, a fim de se ter a certeza de nada se omitir (MENDONÇA; CAMARGO JR., 2016). Com as regras de Descartes se convencionou um novo paradigma científico, através de um método que objetiva conduzir o intelecto para se obter certezas inquestionáveis. No entanto, como poderiam as ciências humanas seguir o método cartesiano? Poderiam o ser humano e as sociedades serem tratados como objetos científicos em um laboratório onde se pudesse testar hipóteses comprováveis e replicáveis com o fim de obter leis sociológicas gerais? Foi nesse desafio que o positivismo científico se lançou.

3 O POSITIVISMO E A CIENTIFICIDADE DAS CIÊNCIAS HUMANAS

Um conhecimento científico sobre o ser humano em seu âmbito social, não contemplado pelas ciências da natureza, apenas se apresentou na forma das ciências humanas modernas a partir do século XIX. Esse movimento ocorreu em grande parte devido ao positivismo de Auguste Comte, que tentou, de certa forma, aplicar a objetividade científica às ciências humanas, gerando uma Sociologia que, assim como a Física, teria suas próprias leis verificáveis. O positivismo abandonou a busca da explicação das causas, projetando mais ênfase no “como” do que no “porquê”. Para os positivistas, as ciências sociais deveriam operar sob a mesma base metodológica das ciências naturais, como afirma Kolakowski:

Dentre as ideias maiores da filosofia positivista, enumeraremos, em quarto lugar, a *fé na unidade fundamental do método da ciência* [...] se trata da certeza de que os modos de aquisição de um saber válido são fundamentalmente os mesmos em todos os campos da experiência [...] (KOLAKOWSKI apud SIECZKOWSKI, 1996, p. 63, grifo nosso)

Esse método científico universalmente válido estaria amparado na atitude imparcial do pesquisador diante dos objetos estudados, a ausência de interesses outros que a busca da verdade, a utilização de linguagem unívoca e enunciativa (não expressiva ou imperativa), a preferência por aspectos quantitativos dos fenômenos pesquisados, e o proceder metódico (CUPANI, 1990). Dessa forma, os resultados das investigações científicas teriam um caráter objetivo precisamente porque não teriam sido influenciados pela subjetividade do pesquisador. Os resultados obtidos com esse método seriam, portanto, mera constatação do real, dados puros, indicadores de fatos, e isentos de interpretação pessoal.

No entanto, ainda segundo Alberto Cupani (1990), os epistemólogos há tempos têm mostrado que é ilusório conceber a Ciência como investigação que se serve de dados não interpretados, uma vez que esses dados são elaborados para corresponder a questões, hipóteses e teorias em função das quais são procurados. Os dados seriam, portanto, não uma tradução pura da realidade, mas uma certa interpretação da realidade investigada.

O modelo positivista não ficou imune às críticas. O marxismo foi apenas uma das correntes de pensamento que criticou a abordagem positivista das ciências humanas, considerando ilusória e ideológica a ideia de uma ciência social que fosse objetiva e cujos resultados fossem independentes das características dos indivíduos ou das classes que os produzem. Max Weber também foi crítico do modelo positivista nas ciências sociais (PEREIRA, 1986) e mais recentemente podemos citar ainda os intelectuais da chamada Escola de Frankfurt, que também colaboraram para desconstruir alguns aspectos desse modelo através da Teoria Crítica. Como resultado desse processo de descrença no método positivista aplicado às ciências humanas, Alberto Cupani já declarava, em 1990, que era difícil encontrar alguém que se declarasse discípulo ou continuador dos positivistas (CUPANI, 1990). Nesse mesmo sentido, Alberto Oliva (2003) escreveu que o positivismo havia se tornado uma espécie de xingamento metodológico.

Sendo assim, o modelo científico positivista, ao lidar com a instabilidade e diversidade da dimensão propriamente humana da existência, não foi capaz de gerar os mesmos resultados precisos, repetíveis e comprováveis com os quais as ciências exatas impressionaram o mundo. Se o positivismo nas ciências humanas não obteve os mesmos resultados conquistados nas ciências naturais, talvez isso se deva ao fato de seu objeto de estudo ser profundamente diferente. Afinal, as complexas e imprevisíveis sociedades humanas não se comportam como se estivessem em um tubo de ensaio que pode ter suas condições rigorosamente controladas em um ambiente de laboratório para fins de obtenção de um conhecimento exato da realidade.

4 A EMERGÊNCIA DA IDEIA DE MUSEOLOGIA COMO UMA CIÊNCIA

Para os fins deste artigo pareceu necessário, mesmo que de forma breve, discorrer sobre a origem do paradigma científico moderno, bem como o modelo positivista aplicado às ciências humanas e a sua posterior crise, para que pudéssemos ter uma visão, ainda que focada apenas nos aspectos mais essenciais para nossa compreensão, sobre o terreno epistemológico no qual a ideia de Museologia como uma ciência independente começou a ganhar força na segunda metade do século XX.

A construção de um campo científico não pode se basear simplesmente no interesse que o assunto desperta e nem mesmo em sua relevância, pois por mais interessante que possa ser um determinado aspecto do mundo, uma ciência só poderá investigá-lo se o objeto for definido com clareza e for elaborada uma teoria e uma metodologia que possam atender às exigências epistemológicas em questão. Além disso, no contexto da ciência moderna, o estabelecimento de uma nova ciência propõe uma demanda à sociedade, uma vez que esta deverá destinar recursos àquele empreendimento intelectual, enquanto que os próprios cientistas deverão, em troca, dedicar seu tempo e energia no estudo e desenvolvimento daquela área, preferencialmente fazendo com que os conhecimentos por eles produzidos possam prover alguma retribuição à sociedade.

Assim, durante todo o processo de estabelecimento e posterior prática de uma disciplina científica há sempre uma relação de influência dinâmica entre o subcampo científico específico, o campo científico geral e o macrocampo social (BOURDIEU, 2004). O conceito de “campo”, tal como proposto por Pierre Bourdieu, permite que a análise sociológica da ciência escape da perspectiva dicotômica que concebe a ciência como internamente autodeterminada sem influências externas, ou então, por outro lado, como um mero efeito secundário de fenômenos infraestruturais determinantes que não deixariam margem para qualquer autonomia científica. O campo se situaria entre esses dois polos, de modo que ele seria o “[...] universo intermediário [...] no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura e a ciência.” (BOURDIEU, 2004, p. 20). Portanto, ao se situar entre as noções extremas de completa autonomia interna e total dependência externa, o conceito de campo permite entender a ciência como dotada de uma autonomia relativa, com suas leis internas e sua própria economia cuja moeda circulante é o capital científico, forma específica de capital simbólico. Bourdieu (2003,

p. 86) pondera: “[...] um campo é um universo em que as características dos produtores são definidas pela sua posição em relações de produção, pelo lugar que ocupam num certo espaço de relações objetivas.”.

Nesse sentido, a construção de uma nova disciplina científica depende de um suficiente investimento de capital científico por parte de agentes que tenham o poder de exercer influência sobre o campo. Em relação à ciência museológica, uma das iniciativas pioneiras com esse objetivo teve lugar na antiga Checoslováquia, quando em 1962 foi criada uma cadeira de Museologia na Faculdade de Filosofia da Universidade Jan Evangelista Purkyně, na cidade de Brno. Uma figura central nesse processo foi Zbyněk Zbyslav Stránský, que em 1965 preparou um programa de estudos para o curso de pós-graduação em Museologia daquela Universidade. Ainda em 1965 Stránský já demonstrava preocupação com o objeto da Museologia, sua teoria, metateoria e metodologia através de uma base filosófica (STRÁNSKÝ, 1965). Para ele, esse era um “assunto muito sério”, considerando que para procurar o objeto da Museologia seria necessário:

[...] conduzir uma racionalização gnoseológica completa do direito à existência desta disciplina científica. Isso tudo sem olhar para os outros fatores de natureza científica, como, por exemplo, a questão de método e todo o sistema desta disciplina. (STRÁNSKÝ, 1965, p. 33)

Embora ainda não pudesse oferecer uma resposta para todos esses problemas, Stránský (1965) já propunha os termos nos quais o debate sobre o caráter científico da Museologia deveria ser realizado. O museólogo checo não deve ter sido o primeiro a afirmar que a Museologia era uma disciplina científica, uma vez que ele próprio escreveu que havia encontrado outros autores que já haviam formulado explicitamente essa ideia, no entanto, nenhum deles havia reunido argumentos justificando sua opinião (STRÁNSKÝ, 1965). Para Stránský não era suficiente apenas afirmar que a Museologia era científica, era necessário também provar essa afirmação, pois se a Museologia era uma ciência, tornava-se então necessário que ela tivesse um objeto, um método e um sistema, todos definidos de forma clara.

Afirmar que Stránský – dito o “pai” da Museologia – fundou essa disciplina como a conhecemos no século XXI pode não ser um exagero se considerarmos qual foi a principal motivação para o desenvolvimento de suas ideias: criar um corpus de conhecimento específico para ser sistematicamente ensinado a profissionais de museus em formação. Seu projeto, iniciado em Brno, ganharia seguidores em virtualmente todas as partes do mundo, com a sua International Summer School of Museology – ISSOM (1986-1999) e com o Comitê Internacional de Museologia – ICOM, criado em 1977. (BRULON, 2017, p. 405)

Para debater esses problemas fundamentais da Museologia, em 1977 foi criado o Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM), dentro da estrutura do Conselho Internacional de Museus (ICOM). O ICOFOM foi concebido para servir como uma plataforma de debate internacional entre profissionais de museu sobre teoria museológica e os aspectos científicos da Museologia.

[...] um grupo de profissionais – Jan Jelínek, Wolfgang Klausewitz, Andreas Gröte, Irina Antonova, Vinos Sofka entre outros – percebendo o potencial da Museologia para articular-se como campo do conhecimento, julgaram necessário estabelecer um comitê dedicado essencialmente à Museologia. Um dos primeiros objetivos foi o de identificar o objeto de estudo desta disciplina, considerada por estes especialistas como uma área específica do conhecimento (SCHEINER, 2000 apud CARVALHO, 2017, p. 67).

Nesse sentido, esse Comitê teve um papel fundamental no processo de construção da Museologia como uma ciência. Para fazer avançar esse debate, em 1980 o ICOFOM publicou uma revista intitulada em inglês *Museological Working Papers* (MuWoP) e em francês *Documents de Travail sur la Muséologie* (DoTraM).

5 O PRIMEIRO NÚMERO DA REVISTA *MuWoP/DoTraM* E AS OPINIÕES SOBRE A CIENTIFICIDADE DA MUSEOLOGIA

O ICOFOM foi concebido com um grande desafio: definir a Museologia como um campo de conhecimento, com sua própria terminologia, metodologia e sistema determinados. Os relatos históricos evidenciam que esse movimento não era de adesão de todos os integrantes do ICOM, pois alguns comitês votaram contra sua criação, que tinha por premissa que o ICOFOM desempenhasse o papel de consciência do ICOM. Portanto, sua instauração foi um ato político (CARVALHO, 2017). Vinos Sofka, segundo presidente do ICOFOM, resume a fase inicial do comitê internacional: “[...] iniciada com um pequeno grupo entusiasta, logo enfrenta dificuldades e frequentemente chega a uma crise da qual emergem ou na qual desaparecem.” (SOFKA, 2016, p. 177).

Sua organização inicial envolveu uma pequena adesão de membros do ICOM, mas todos instigados em avançar as bases do conhecimento museológico, articulando impressões sobre suas dimensões científica, filosófica e técnica. Segundo Carvalho (2017, p. 68-69):

[...] os membros levaram em consideração uma profunda conexão entre a Museologia e o próprio comitê. Para esses, a concepção do que vinha a ser Museologia, disciplina ainda em formação, suas características, objetos de estudo e tendências, poderia afetar as próprias atividades e tarefas do comitê; e o estímulo a constantes pesquisas na Museologia seria a condição necessária para o “sucesso” do comitê.

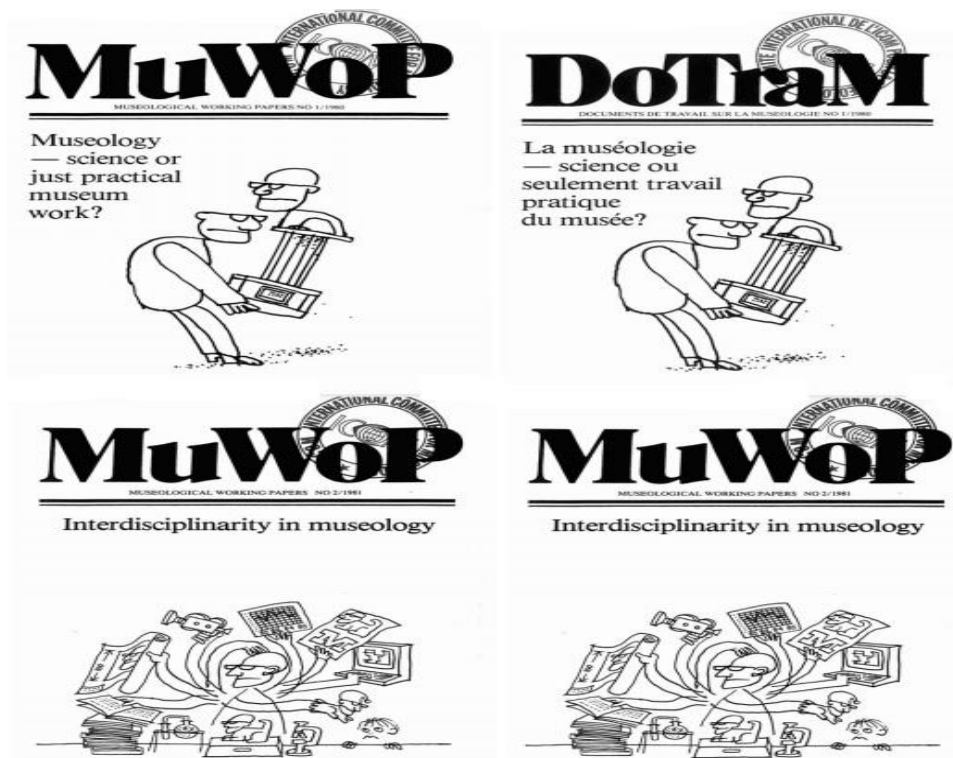
Cerávolo (2004) indica que os primeiros movimentos do ICOFOM envolviam cerca de 20 a 25 pessoas, na maioria europeus. O intercâmbio inicial de informações se deu por meio de um roteiro prévio de perguntas enviado aos integrantes e colaboradores, a fim de se mapear as impressões e formulações sobre a composição da Museologia como corpo de conhecimentos ditos científicos:

Perguntava-se sobre os conteúdos e direções teóricas da Museologia, sobre a situação de independência ou inter-relacionamento com outras disciplinas, seu método ou métodos. As dúvidas envolviam o estatuto da Museologia como ciência autônoma ou como resultado de uma somatória de disciplinas específicas representadas nos acervos dos museus. (CERÁVOLO, 2004, p. 243)

O agrupamento das opiniões dos participantes frente aos debates incitados favorecia uma dinâmica reflexiva, que encorajava o aprofundamento na investigação teórica da Museologia em nível internacional. De acordo com Carvalho (2017) havia uma intenção paralela de constituir um corpo de especialistas competentes no seu tema e disseminar a produção desses pesquisadores era estratégico enquanto documentos norteadores do debate. Assim, estabelecer veículos de comunicação contínuos entre os integrantes do ICOFOM era emergencial e, em seu terceiro encontro anual, ocorrido em 1979, foi aprovada a elaboração do periódico especializado. Intitulado em inglês de *Museological Working Papers* (MuWoP) e em francês de *Documents de Travail en Muséologie* (DoTraM), a revista foi uma das soluções encontradas para essa conexão entre os participantes do Comitê (figura 1):

Nesse período, que incluiu principalmente o início da década de 1980, o MuWoP era a principal publicação do ICOFOM, sendo a característica primeira do comitê a consolidação de uma disciplina nomeada Museologia e de seus fundamentos. O comitê queria ir além de um mero estudo das necessidades de uma disciplina frente à contemporaneidade – seus membros queriam estabelecer as bases dessa disciplina, por meio de uma profunda reflexão sobre seu objeto de estudo e difundi-la. (CARVALHO, 2017, p. 73)

Figura 1 - Capas dos dois números do *MuWoP/DoTraM* (versão inglês e francês)



Fonte: ICOFOM (1980)

A publicação do *MuWoP/DoTraM* se propôs a ser um periódico de debate sobre problemas museológicos fundamentais, com a proposta de fórum aberto. Ceravolo (2004), ao analisar esta publicação, a identificou como pertencente ao primeiro quadrante da espiral científica, de acordo com a classificação processual da dinâmica da cultura científica proposta por Carlos Vogt (2003). Este autor entende “cultura científica” como uma expressão que engloba a alfabetização científica, a popularização e a percepção/compreensão pública da ciência, considerando que todos esses aspectos da ciência tem uma dimensão tão cultural quanto a ficção, a poesia ou a arte, uma vez que, como estas, a ciência também faz parte do imaginário social e simbólico que permeia a sociedade. Sendo assim, a cultura científica circula pela sociedade assumindo formas comunicativas pelas quais ela se difunde pelo tecido social através de um processo em fases ou estágios que o autor chama de “quadrantes”.

Figura 2 - Espiral da cultura científica desenvolvida por Carlos Vogt



Fonte: Kishi ([201-])

O processo se inicia no primeiro quadrante, que tem “[...] como ponto de partida a dinâmica da produção e da circulação do conhecimento científico entre pares, isto é, da difusão científica.” (VOGT, 2003, p. 6). Esta difusão científica que o autor afirma ocorrer no primeiro estágio da espiral não é ainda uma difusão social ampla, mas apenas uma difusão interna entre os especialistas da área, precisamente o que ocorreu na *MuWoP/DoTraM*, publicação na qual, como escreveu Vogt (2003, p. 6) sobre a comunicação no primeiro quadrante da espiral científica e que também se aplica à revista em questão, “[...] teríamos como destinadores e destinatários da ciência os próprios cientistas”. Por fim, ao elencar os atores que exercem papéis no primeiro quadrante da espiral, o autor cita as “[...] universidades, os centros de pesquisa, os órgãos governamentais, as agências de fomento, os congressos, as revistas científicas.” (VOGT, 2003, p. 7).

Portanto, fica claro que a função comunicativa exercida pela *MuWoP/DoTraM* dentro da espiral da cultura científica se posiciona no primeiro quadrante que, apesar de fazer parte de um modelo que apresenta a circularidade da espiral, é definido por Vogt (2003) como “ponto de partida”, por ser o estágio no qual os conhecimentos científicos são criados e desenvolvidos antes de serem ensinados para estudantes e popularizados para toda a sociedade através de processos que devem ocorrer em quadrantes posteriores da espiral. Sendo assim, ao se situar no primeiro quadrante da espiral da cultura científica em um momento crucial da história da consolidação da

ciência museológica, a revista *MuWoP/DoTraM* exerceu um papel determinante na fabricação e consolidação de determinadas teorias no campo científico da Museologia.

Para ser editor do *MuWoP/DoTraM* foi convidado Vinos Sofka, que posteriormente tornou-se presidente do Comitê. Cabe ressaltar que os periódicos científicos são produtos da ciência moderna:

Os periódicos científicos apareceram no século XVII na Europa, em uma época marcada por mudanças em toda a sociedade, inclusive no campo científico. Até o século XVI a ciência era feita por filósofos, que usavam a argumentação e dedução para explicar os fenômenos da natureza. A partir do século XVII há uma grande mudança no meio científico: a dedução deixou de ser aceita como método principal de pesquisa, e a comunidade científica começa a exigir evidências baseadas na observação e na experiência empírica para que os conhecimentos resultantes pudessem ser considerados científicos. Esses acontecimentos, que caracterizaram o nascimento da ciência moderna, foram acompanhados por mudanças também na forma da comunicação científica. Até então os filósofos-cientistas se comunicavam pessoalmente ou por meio de cartas. A divulgação formal e mais ampla de suas pesquisas era feita em livros e longos tratados, que discorriam sobre o conhecimento acumulado sobre o assunto. Com o advento da ciência moderna, o importante passou a ser a comunicação rápida e precisa sobre uma experiência ou observação específica, que permitisse a troca também rápida de ideias e a crítica entre todos os cientistas interessados no assunto em questão. Isso provocou a necessidade de um novo meio de comunicação, de alcance mais amplo que a comunicação oral e a correspondência pessoal, bem mais rápido que os livros e tratados: o periódico científico. (MUELLER, 2003, p. 69-70)

De acordo com Mueller (2003) os periódicos científicos modernos possuem quatro funções: a) comunicação dos resultados da pesquisa para a comunidade científica e demais interessados; b) preservação do conhecimento, sendo um arquivo de ideias; c) estabelecimento da propriedade intelectual, reforçando a posição das autorias nas descobertas científicas; d) manutenção da qualidade da ciência, tendo um corpo de avaliadores que conferem confiabilidade ao exercício intelectual. Visando assumir essas funções o encontro do ICOFOM de 1980, já com cerca de 40 participantes, teve o primeiro número do *MuWoP/DoTraM* como balizador, com conteúdo gerado nas discussões ocorridas nos três encontros anteriores do ICOFOM. As discussões foram a base do número seguinte do *MuWoP/DoTraM*, publicado em 1981, ano considerado de grande crise do Comitê. Por esforço de integrantes ele se manteve ativo, mas com adaptações de gestão já identificadas em 1982, processo que se reforça com a troca de presidência do ICOFOM: Jan Jelinek sai por motivo de aposentadoria e de saúde e Vinos Sofka assume a presidência como interino, depois oficialmente, compreendendo os anos de 1983 até 1989 (CARVALHO, 2017).

Cabe ressaltar que um piloto do terceiro número do *MuWoP/DoTraM* foi organizado, tendo como tema o objeto de estudo da Museologia. Porém, o próprio ICOM não apoiou a impressão do periódico, o que para muitos membros evidenciou os conflitos e a falta de apoio entre os membros do Conselho. Esse foi mais um indicativo para que os integrantes do ICOFOM reforçassem as dinâmicas do Comitê e a defesa de sua existência enquanto espaço difusor de estudos sistemáticos dos fundamentos da Museologia:

Um piloto do MuWoP nº. 3 chegou a ser analisado pelo ICOM, com vistas a sua possível publicação. Além do tema novo (que no caso do MuWoP nº 3 seria “O objeto da Museologia”), também havia o convite para comentar os temas anteriores (ICOFOM, 1984, p. 37). O ICOM, no entanto, informou que não teria recursos para publicar o livro devido ao tamanho (extensão) do manuscrito. Houve uma falta de entendimento do Executivo do ICOM em relação à publicação, para a qual Sofka insistiu por qualquer ajuda, mesmo que simbólica. Essa ajuda, por sua vez, significaria também o aval do ICOM para ela (ICOFOM, 1984-1985). A situação de não ter apoio do ICOM para o MuWoP – denominado pelo ICOFOM de “o único periódico internacional de teoria museológica” (ICOFOM, 1984, p. 10) – gerou desconforto e desagrado no Board do ICOFOM. No entanto, o próprio ICOM destacou a importância do MuWoP para a profissão como um todo, enfatizando que deveria ser utilizado como instrumento para educadores e estudantes de Museologia (ICOFOM, 1984, p. 4). (CARVALHO, 2017, p. 77)

Como desdobramento desse processo o *MuWoP/DoTraM* se tornou um periódico de curta duração, com apenas dois números, publicados em 1980 e 1981, mas que ficaram marcados até os dias atuais como dois documentos que apresentam um importante *corpus* documental de noções teóricas da Museologia. Cabe ressaltar que o ICOFOM manteve a publicação de um outro periódico, o *Icofom Study Series* (ISS), com a finalidade de apresentar um “[...] conjunto de documentos que antecederiam os encontros deste comitê” (CERAVÓLO, TÁLAMO, 2008, p. 4), propiciando abordagens analíticas entre Museologia e museus, além de temas da Museologia Contemporânea. Esse periódico se tornou o principal veículo de comunicação do ICOFOM, sendo vendido aos interessados pelo assunto e distribuído em universidades, museus e institutos de pesquisa: “[...] o ISS cumpriria sua função de disseminar a existência de uma disciplina científica nomeada Museologia e, ainda, servir de base tanto para a criação de cursos de *museum studies* ou Museologia quanto para reforçar e legitimar os já existentes” (CARVALHO, 2017, p. 82. Grifo da autora).

Vinos Sofka terminou seu mandato na presidência, em 1989, com um ICOFOM contendo quase 800 integrantes (CARVALHO, 2017). Pode-se sugerir que sua gestão marca a primeira fase do ICOFOM, de fundação, fortalecimento e legitimação de sua

atuação dentro do próprio ICOM e em nível internacional. O antigo presidente fez uma análise do processo de aprimoramento dos periódicos produzidos pelo ICOFOM:

Uma outra linha mestra, indispensável para a ação do Comitê, eram as publicações do ICOFOM, suas séries impressas. Mesmo que o periódico *Museological Working Papers* tenha que ter sido descontinuado temporariamente após dois números financiados exclusivamente pela Suécia, porque os custos de produção eram muito altos para encontrar outros financiadores, as duas outras séries - as pré-edições das Séries de Estudos ICOFOM (ICOFOM Study Series - ISS) e o boletim *Notícias Museológicas* (*Museological News* - MNs) - produzidas de maneira mais modesta porém mais flexível, provaram ter forte vitalidade. Elas se tornaram a plataforma do Comitê tanto para a discussão científica como para as reflexões democráticas sobre todas as propostas importantes relativas à sua vida e atuação. Elas tornaram possível a participação “em espírito” nos simpósios do ICOFOM para aqueles que não podiam participar dos encontros “em pessoa”. E também tiveram um importante papel em informar os membros sobre os programas, atividades e outras notícias internas, unificando o Comitê. Elas ainda são publicadas e nada indica que venham a terminar. (SOFKA, 2016, p. 182)

Ainda com dois números o *MuWoP/DoTraM* é considerado muito emblemático nessa trajetória, pois é considerado, pelas palavras de Carvalho (2008, p. 24), a “[...] primeira revista do mundo dedicada às discussões teóricas constitutivas do campo”. O *MuWoP/DoTraM* foi criado para ser ponto de partida temático, estimulando debates a partir de autores selecionados. Segunda a autora:

Dentro dos dois volumes do *MuWoP*, podemos encontrar estudos baseados nas perguntas que originaram a busca pela “delimitação conceitual do campo” e que permeavam o ICOFOM desde sua criação, ou até anteriormente a isso. [...] No volume n.º. 1 “Museologia – ciência ou apenas trabalho prático em museus?”, ainda no início da publicação, cada membro do Corpo Editorial apresentou sua definição de Museologia. [...] Em seguida, foi publicado o segundo e último número do *MuWoP*, intitulado “Interdisciplinaridade na Museologia”. (CARVALHO, 2008, p. 26-27)

Dada a reconhecida importância que essa publicação teve no desenvolvimento das teorias museológicas e na consolidação da Museologia como uma disciplina acadêmica e científica, consideramos que seria interessante realizar uma análise sobre os pontos de vista expressos pelos autores que publicaram seus textos no primeiro número, a partir da versão em inglês do impresso (o *MuWoP*). De certa forma, o caráter original do *MuWoP/DoTraM* - hoje um importante documento histórico da Museologia teórica - revela significativas evidências sobre o quadro epistemológico dentro do qual operavam os principais agentes impulsionadores do pensamento museológico no final da década de 1970 e início de 1980. Além disso, foi com base na amplitude e diversidade das ideias daqueles autores que se deu grande parte do desenvolvimento posterior da teoria museológica, levada adiante pelo ICOFOM. Apesar de o *MuWoP/DoTraM* ter tido curta existência, o legado deixado por aqueles

escritos é influente até hoje, tendo se tornado uma referência incontornável em praticamente todos os trabalhos acadêmicos que têm tratado sobre teorias museológicas e o caráter científico da Museologia.

No editorial do primeiro número da revista *MuWoP/DoTraM*, Vinos Sofka reconhece que a sociedade estava passando por um curso acelerado de mudanças que criava novas demandas para os museus e seus profissionais (ICOFOM, 1980). Nesse contexto, havia a necessidade de discutir os problemas que os museus enfrentavam, estimulando a troca de ideias entre os profissionais de museu através das fronteiras nacionais e continentais. Dessa forma, o *MuWoP/DoTraM* buscava preencher um vazio, unindo os profissionais em um fórum de discussão que fosse acessível para todos os seus membros. Ainda no editorial do primeiro número, os objetivos da publicação são explicitados, entre os quais se inclui: “[...] ser um fórum aberto para a permanente discussão de problemas museológicos fundamentais”³ (ICOFOM, 1980, p. 3).

Para o primeiro número da revista, o tema de debate foi definido como uma pergunta: “Museologia – ciência ou apenas trabalho prático de museu?”⁴ (ICOFOM, 1980). Antes de apresentar as contribuições dos quinze autores selecionados para compor essa edição, quatro membros do conselho editorial apresentaram suas próprias tentativas de definição do conceito “Museologia”. Em suma, as definições de Villy Toft Jensen, Wolfgang Klausewitz, Awraam Razgon e Vinos Sofka concordaram sobre a Museologia ser uma disciplina científica independente, com sua própria teoria e método. Jensen escreveu que a Museologia era “[...] uma ciência independente com seu próprio conjunto específico de teorias e métodos”⁵ (JENSEN, 1980, p. 11). Klausewitz (1980, p. 11) repete quase as mesmas palavras: “Museologia é uma ciência independente com sua própria teoria e métodos específicos”⁶. Para Sofka (1980, p. 13), a museologia era uma “[...] disciplina científica independente, com seus objetivos, objeto de estudo, teoria, esfera de trabalho, método e sistema”⁷. Por fim,

³ Tradução livre do original: “To be an open forum for the permanent discussion of fundamental museological problems” (ICOFOM, 1980, p. 3).

⁴ Tradução livre do original: “Museology - science or just practical museum work?” (ICOFOM, 1980)

⁵ Tradução livre do original: “[...] an independent science with its own specific set of theories and methods” (JENSEN, 1980, p. 11).

⁶ Tradução livre do original: “Museology is an independent science with its own specific theory and methods” (KLAUSEWITZ, 1980, p. 11).

⁷ Tradução livre do original: “[...] an independent scientific discipline, with its aim, object of study, theory, working sphere, method and system” (SOFKA, 1980, p. 13)

Awraam Razgon expressou a opinião mais cautelosa entre os quatro membros do conselho editorial: “A Museologia está na fronteira de outras ciências e as sobrepõe [...]. Contudo, a museologia está cada vez mais mostrando características de um ramo científico independente.”⁸ (RAZGON, 1980, p. 12). O conselho editorial, portanto, respondeu positivamente à pergunta proposta para o primeiro número da revista, afirmando que a Museologia já poderia ser considerada uma ciência, ou no caso de Razgon (1980), dava mostras de que futuramente viria a ser.

Entre os autores dos quinze artigos publicados havia curadores, pesquisadores, diretores de museu e professores. Três autores não ofereceram uma resposta clara e deixaram a questão em aberto. Daniel Porter (1980), no período professor e administrador dos programas de graduação Cooperstown da *State University College* em Nova Iorque, limitou-se a dissertar sobre o treinamento de pessoal para museus e discorrer sobre a experiência de ensino na instituição da qual era professor. A questão da Museologia poder ou não ser considerada uma ciência simplesmente não foi colocada pelo autor, que parecia considerar que o problema estava em um nível ainda mais básico (a formação de profissionais para museus) e por isso não haveria, ainda, que se falar em problema científico da Museologia. De qualquer forma, sua resposta é evasiva e ele não afirma uma coisa nem outra, embora esse silêncio possa ser entendido como a sutil negativa de um cético.

Jirí Neustupný, na época professor de Pré-história e Museologia na Universidade Charles em Praga, não afirma e nem nega que a Museologia seja uma ciência, mas ele a considera como uma disciplina acadêmica: “O que é importante em relação à museologia é que ela existe como uma disciplina.”⁹ (NEUSTUPNÝ, 1980, p. 28). No entanto, o autor não esclarece se entende o termo “disciplina acadêmica” como sinônimo de ciência.

André Desvallées, na posição de curador de inspeção geral dos museus classificados e controlados sob o Ministério da Cultura da França, também não ofereceu uma resposta, e chegou a recolocar o problema, elaborando-o da seguinte forma: “As humanidades, as ciências experimentais, e a arte da expressão: cada uma é uma disciplina distinta, um todo homogêneo, que quando combinadas dão

⁸ Tradução livre do original: “Museology is bordering on other sciences and overlaps them [...] Nevertheless, museology is boasting more and more the features of an independent scientific branch” (RAZGON, 1980, p. 12).

⁹ Tradução livre do original: “What is important with regard to museology is that it does exist as a discipline” (NEUSTUPNÝ, 1980, p. 28).

nascimento a outra disciplina, museologia?”¹⁰ (DESVALLÉES, 1980, p. 18). Uma hipótese sugerida pelo autor seria considerar a Museologia como sendo a “arte da linguagem de museu”¹¹, similar às artes dramáticas, e nesse caso não se trataria, portanto, de uma ciência.

Apenas um autor expressou uma resposta categoricamente negativa. Louis Lemieux, naquele momento diretor do Museu Nacional de Ciências Naturais do Canadá, foi o único que negou enfaticamente que a Museologia pudesse ser considerada uma ciência. Ele iniciou seu texto afirmando esse ponto de vista e aproximou-se da hipótese de Desvallées (1980) ao enfatizar o aspecto artístico da atividade museológica: “Museologia, na minha opinião, não é uma ciência [...] eu a chamaria de arte mais do que qualquer outra coisa.”¹² (LEMIEUX, 1980, p. 24).

Outro autor que dizia não acreditar no caráter científico da Museologia foi James Swauger, que no *MuWoP/DoTraM* foi descrito como “cientista sênior” do Museu Carnegie de História Natural em Pittsburgh. Não deixa de ser curioso que o único autor a ser identificado na revista como “cientista” seja um dos poucos a negar a cientificidade da Museologia. De qualquer forma, seu julgamento se mostrou menos cabal que o de Lemieux (1980), uma vez que ele considerava que a Museologia futuramente poderia vir a ser uma ciência, mas ele simplesmente duvidava que isso fosse acontecer: “A Museologia pode algum dia ser uma ciência, embora eu duvide disso.”¹³ (SWAUGER, 1980, p. 46).

Com exceção desses cinco autores, todos os outros dez, além dos quatro membros do conselho editorial, expressaram pontos de vista positivos ou otimistas em relação à pergunta central colocada pela revista sobre a Museologia ser ou não ser uma ciência. Classificamos como “otimistas” aqueles que afirmaram que a Museologia poderia vir a se tornar uma ciência no futuro. Cinco autores expressaram essa ideia.

Zbynek Stránský, naquele período diretor do departamento de Museologia do Museu da Morávia e diretor do departamento de Museologia da Faculdade de Filosofia

¹⁰ Tradução livre do original: “The humanities, experimental sciences, and the art of expression: each is a distinct discipline, a homogenous whole, which when combined give birth to another discipline, museology?” (DESVALLÉES, 1980, p. 18).

¹¹ Tradução livre do original: “art of museum language” (DESVALLÉES, 1980, p. 18).

¹² Tradução livre do original: “Museology, in my opinion, is not a science [...] I would term it an art, rather than anything else” (LEMIEUX, 1980, p. 24).

¹³ Tradução livre do original: “Museology may some day be a science, although i doubt it” (SWAUGER, 1980, p. 46).

da Universidade Jan Evangelista Purkyně em Brno na Checoslováquia, considerava que um maior nível de desenvolvimento ainda seria necessário para que a Museologia se tornasse uma ciência independente: “[...] podemos objetivamente provar que o pensamento de teoria de museu está no presente em estágio de se constituir e se separar das outras ciências.”¹⁴ (STRÁNSKÝ, 1980, p. 44). Esse texto de Stránský, considerado emblemático, foi traduzido para o português por Tereza Scheiner e publicado em 2008 no primeiro número da Revista Museologia e Patrimônio, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGMUS/UNIRIO).

Seguindo a mesma linha de Stránský (1980), Anna Gregorová, então assistente de pesquisa no Escritório Central de Museus e Pinacotecas da Checoslováquia, considerava a Museologia “[...] uma disciplina científica nova, ainda no estágio de ser constituída”¹⁵ (GREGOROVÁ, 1980, p. 19). Bengt Hubendick, então diretor do Museu de História Natural de Göteborg na Suécia, se refere a ela como “[...] uma pobre ciência andando na fronteira da frente de pesquisa.”¹⁶ (HUBENDICK, 1980, p. 23). Barrie Reynolds, naquele momento professor de cultura material e diretor da unidade de cultura material da universidade James Cook na Austrália, considerava a Museologia como uma “[...] ciência embrionária”¹⁷ (REYNOLDS, 1980, p. 35).

Geoffrey Lewis, naquele ano diretor de Estudos de Museu na Universidade de Leicester, também via a condição científica da Museologia como precária, e considerava que um importante veículo para o desenvolvimento da Museologia seria a própria revista *MuWoP/DoTraM*:

[Ao] prover um fórum ideal para a discussão dessas importantes questões em um nível internacional. Não devemos mais ter motivo para debater se a museologia é um assunto por direito próprio; em vez disso devemos urgentemente estabelecer a estrutura teórica na qual ela, e o movimento de museu como um todo, podem se desenvolver.¹⁸ (LEWIS, 1980, p. 27).

¹⁴ Tradução livre do original: “[...] we can objectively prove that museum theory thinking is at present at the stage of constituting itself and separating from other sciences” (STRÁNSKÝ, 1980, p. 44).

¹⁵ Tradução livre do original: “[...] a new scientific discipline, still at the stage of being constituted” (GREGOROVÁ, 1980, p. 19).

¹⁶ Tradução livre do original: “[...] a poor science seen as riding on the fringe of the research front” (HUBENDICK, 1980, p. 23).

¹⁷ Tradução livre do original: “[...] science in embryo” (REYNOLDS, 1980, p. 35).

¹⁸ Tradução livre do original: “[...] provide an ideal forum for the discussion of these important matters at an international level. We should have no further cause to debate whether museology is a subject in its own right; rather we should urgently lay the theoretical framework on which it, and the museum movement as a whole, can develop” (LEWIS, 1980, p. 27).

Outros cinco autores responderam afirmativamente à pergunta tema da publicação, ao escreverem que a Museologia já poderia ser considerada uma ciência de pleno direito. Soichiro Tsuruta, na posição de professor de Museologia na Faculdade de Letras da Universidade Hosei em Tóquio, considerava a Museologia como uma ciência, mas não a eximia de um maior desenvolvimento: “Eu acredito que a museologia é uma ciência do museu, e esforços devem ser feitos [...] para maior desenvolvimento do estudo da museologia.”¹⁹ (TSURUTA, 1980, p. 49). Bachir Zouhdi, então curador no Museu de Antiguidades Greco-romanas e Arte Bizantina do Museu Nacional em Damasco na Síria e conferencista de estudos estéticos na Universidade de Damasco, foi enfático ao responder positivamente à pergunta colocada pela revista: “[...] a Museologia é finalmente reconhecida como uma ciência independente. Ela é a ciência dos museus.”²⁰ (ZOUHDI, 1980, p. 50).

Klaus Schreiner, na época diretor do Museu de História Agrária de Alt Schwerin e membro do Conselho de Museus no Ministério da Cultura da República Democrática Alemã, descreveu a Museologia como uma “[...] disciplina sócio-científica historicamente construída [...] tem característica de ciência de apoio (secundária).”²¹ (SCHREINER, 1980, p. 41). Joseph Scala, então diretor de uma galeria de arte e presidente do Programa de Graduação em Museologia na Faculdade de Artes Visuais e Performáticas da Universidade de Syracuse em Nova Iorque, não viu as alternativas entre trabalho prático e ciência como sendo excludentes, e considerou as duas opções como verdadeiras: “A museologia é uma ciência ou uma experiência prática? Ela é ambas, e muito mais.”²² (SCALA, 1980, p. 38). Por fim, Jurij Pisculin, naquele ano vice-diretor e chefe dos laboratórios de Museologia no Museu estatal da revolução da União Soviética, opinou que a “Museologia é uma ciência aplicada no mundo contemporâneo.”²³ (PISCULIN, 1980, p. 31).

Portanto, do total de dezenove autores que expressaram suas opiniões no primeiro número da revista *MuWoP/DoTraM*, catorze deles responderam à pergunta

¹⁹ Tradução livre do original: “I believe museology is a museum science and efforts should be made [...] for further development of the study of museology” (TSURUTA, 1980, p. 49).

²⁰ Tradução livre do original: “Museology is finally recognized as an independent science. It is the science of museums” (ZOUHDI, 1980, p. 50).

²¹ Tradução livre do original: “[...] museology is a historically grown social-scientific discipline [...] has the character of a supporting (secondary) science” (SCHREINER, 1980, p. 41).

²² Tradução livre do original: “Is museology a science or a scientific discipline? It is both, and it is much more in addition”. (SCALA, 1980, p. 38).

²³ Tradução livre do original: “Museology is an applied science in the contemporary world” (PISCULIN, 1980, p. 31).

de forma positiva ou otimista, ao considerarem que a Museologia já poderia ser considerada uma ciência constituída, ou que estava pelo menos em vias de formação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conquista, por parte de uma disciplina, de seu status científico, é fundamental para que essa determinada área do conhecimento humano possa adquirir sua legitimação social como uma forma válida de obtenção de conhecimento sobre a realidade. A Museologia é uma ciência humana que buscou sua legitimidade tardiamente quando comparada às outras ciências que frequentemente se relacionam com o museu, como a História ou a Biologia, por exemplo. De fato, talvez ainda não seja possível dizer que a Museologia tenha plenamente se estabelecido como uma ciência. O cidadão comum dificilmente nomearia a Museologia se fosse convidado a dizer os nomes dos ramos científicos que conhece, e mesmo entre os profissionais de museu parece não haver ainda uma unanimidade sobre tal ponto. Pode haver uma maioria de otimistas, como verificado no primeiro número da revista *MuWoP/DoTraM*, mas certamente ainda há os céticos. Por outro lado, o paradigma da ciência moderna parece hoje enfrentar mais oposição, tanto fora quanto dentro da Academia, do que jamais enfrentou em qualquer outra época desde a Revolução Científica, inclusive com o aparecimento de novos paradigmas. O projeto positivista de padronização e instrumentalização da cognição humana proposta pelo método científico moderno ainda enfrenta resistências em sua ambição de se apresentar como o único método aceitável para toda e qualquer forma de conhecimento válido.

Peter Burke (2003), em seu livro “Uma história social do conhecimento”, defende a ideia de que o conhecimento científico ocidental moderno não seria a única e nem mesmo necessariamente a melhor forma de conhecimento. A ironia envolvida nisso é que quando a Museologia finalmente passou a trabalhar na fixação de sua estrutura epistemológica e metodológica em bases científicas, o próprio solo do campo científico ocidental, após ser bombardeado por críticas durante décadas, já não parecia mais tão sólido como antes.

Tudo isso demonstra que a condição científica da Museologia, tanto do ponto de vista filosófico, como em seu desenvolvimento histórico, além de uma sociologia dos atores envolvidos, ainda é uma área que demanda muitas pesquisas. Este artigo, como uma investigação preliminar sobre o assunto, deixa aberta a possibilidade futura de um aprofundamento maior sobre o tema.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: EDUNESP, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século Ed. 2003.

BRULON, Bruno. Provocando a Museologia: o pensamento geminal de Zbynek Z. Stránský e a Escola de Brno. *In: Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. sér., v. 25, n.1, p. 403-425. jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v25n1/1982-0267-anaismp-25-01-00403.pdf> Acesso em: 29 mar. 2021.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BYNUM, William. **Uma breve história da ciência**. Porto Alegre: L&PM, 2018.

CARVALHO, Luciana Menezes de. Diversidades que geram unidade: a relação de um comitê internacional com os fundamentos, a disseminação e a consolidação de uma disciplina considerada científica. *In: CARVALHO, Luciana Menezes de. Do museu à museologia*: constituição e consolidação de uma disciplina, 2017. 215 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), Rio de Janeiro, 2017. p. 62-102. Disponível em: http://www.unirio.br/ppg-pmus/copy2_of_luciana_menezes_de_carvalho.pdf. Acesso em: 27 mar. 2021.

CARVALHO, Luciana Menezes de. **Em direção à museologia latino-americana**: o papel do ICOFOM LAM no fortalecimento da Museologia como campo disciplinar. 2008. 121 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: http://www.unirio.br/ppg-pmus/luciana_menezes_de_carvalho.pdf. Acesso em: 3 abr. 2021.

CERÁVOLO, Suely Moraes. Delineamentos para uma teoria da Museologia. *In: Anais do Museu Paulista*, São Paulo, v. 12, p. 237-268, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/anaismp/v12n1/19.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2021.

CERÁVOLO, Suely Moraes; TÁLAMO, Maria de Fátima Gonçalves Moreira. Linguagem de especialidade e a elaboração da noção de campo científico: o caso da Museologia. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 9., 2008, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: USP, 2008. 15 f. Disponível em: <http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/803/11.pdf?sequence=1>. Acesso em: 3 abr. 2021.

CUPANI, Alberto. Positivismo, “positivismo” e objetividade científica. **Reflexão**, n. 46, Campinas: Instituto de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1990.

DESVALLÉES, André. *In: Museological Working Papers (MuWoP) – Museology: Science of just practical museum work?* n.1, Estocolmo: ICOFOM: Statens historiska museum, 1980, p. 17-18.

GREGOROVÁ, Anna. *In: Museological Working Papers (MuWop). Museology: science or just practical museum work?. n.1, Estocolmo: ICOFOM / Statens historiska museum, 1980, p. 19-21.*

HENRY, John. **A revolução científica e as origens da ciência moderna.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

HUBENDICK, Bengt. *In: Museological Working Papers (MuWop). Museology: science or just practical museum work?. n.1, Estocolmo: ICOFOM / Statens historiska museum, 1980, p. 22-23.*

ICOFOM. **Museum working documents.** 1980 Disponível em: <http://icofom.mini.icom.museum/publications-2/museological-working-papers/>. Acesso em: 3 abr. 2021.

JENSEN, Villy Toft. *In: Museological Working Papers (MuWop). Museology: science or just practical museum work?. n.1, Estocolmo: ICOFOM / Statens historiska museum, 1980, p. 11.*

KLAUSEWITZ, Wolfgang. *In: Museological Working Papers (MuWop). Museology: science or just practical museum work?. n.1, Estocolmo: ICOFOM / Statens historiska museum, 1980, p. 11.*

LEMIEUX, Louis. *In: Museological Working Papers (MuWop). Museology: science or just practical museum work?. n.1, Estocolmo: ICOFOM / Statens historiska museum, 1980, p. 24-25.*

LEWIS, Geoffrey. *In: Museological Working Papers (MuWop). Museology: science or just practical museum work?. n.1, Estocolmo: ICOFOM / Statens historiska museum, 1980, p. 26-27.*

MENDONÇA, André Luis de Oliveira; CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. Os acertos de Descartes: implicações para a ciência, biomedicina e saúde coletiva. *In: Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 5, maio, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v32n5/1678-4464-csp-32-05-e00158215.pdf> Acesso em: 28 mar. 2021.

MOHNSAM, Julio Cesar. **As contribuições de Arquimedes para o cálculo de áreas.** 2014, 86 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Matemática. Disponível em: <http://200.19.254.174/handle/1/6688>. Acesso em: 4 abr. 2021.

MULLER, Suzana Pinheiro Machado. O periódico científico. *In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite. Fontes de informação para pesquisadores e profissionais*, 2003. p. 73-94. Disponível em: https://biblio-2008.webnode.com.br/_files/200000040-76a3b771d5/fontes_de_informacao_para_pesquisadores_e_profissionais_parte_001.pdf. Acesso em: 3 abr. 2021.

NEUSTUPNY, JIRI.]. *In: Museological Working Papers (MuWop). Museology: science or just practical museum work?. n.1, Estocolmo: ICOFOM / Statens historiska museum, 1980, p. 28-29.*

OLIVA, Alberto. **Filosofia da ciência.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

PEREIRA, José Pacheco. Weber e a crise do paradigma positivista. **Análise Social**, v. 22, 1986. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223553986O6jRE5kd1Bt30ZG8.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2021.

PISCULIN, Jurij. *In: Museological Working Papers (MuWop). Museology: science or just practical museum work?*. n.1, Estocolmo: ICOFOM / Statens historiska museum, 1980, p. 30-31.

PORTER, Daniel. *In: Museological Working Papers (MuWop). Museology: science or just practical museum work?*. n.1, Estocolmo: ICOFOM / Statens historiska museum, 1980, p. 32-33.

RAZGON, Awraam. *In: Museological Working Papers (MuWop). Museology: science or just practical museum work?*. n.1, Estocolmo: ICOFOM / Statens historiska museum, 1980, p. 11-12

REYNOLDS, Barrie.]. *In: Museological Working Papers (MuWop). Museology: science or just practical museum work?*. n.1, Estocolmo: ICOFOM / Statens historiska museum, 1980, p. 34-36.

SCALA, Joseph.]. *In: Museological Working Papers (MuWop). Museology: science or just practical museum work?*. n.1, Estocolmo: ICOFOM / Statens historiska museum, 1980, p. 37-38.

SCHREINER, Klaus. *In: Museological Working Papers (MuWop). Museology: science or just practical museum work?*. n.1, Estocolmo: ICOFOM / Statens historiska museum, 1980, p. 39-41.

SIECZKOWSKI, João Batista Cichero. A tentativa do positivismo lógico de elaborar uma representação universalmente válida do conhecimento científico e a projeção sobre as ciências humanas. **Estudos Leopoldenses**. n. 147. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 1996.

SOFKA, Vinos. *In: Museological Working Papers (MuWop). Museology: science or just practical museum work?*. n.1, Estocolmo: ICOFOM / Statens historiska museum, 1980, p. 12-13.

SOFKA, Vinos. Minha aventureira vida com o ICOFOM, a Museologia, os museólogos e os anti-museólogos, com especial referência ao ICOFOM Study Series. **Revista Museologia e Patrimônio**, v.9, n.1, 2016. p. 153-194. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/517/494> Acesso em: 27 mar. 2021.

STRANSKÝ, Zbynek. *In: Museological Working Papers (MuWop). Museology: science or just practical museum work?*. n.1, Estocolmo: ICOFOM / Statens historiska museum, 1980, p. 42-44.

STRÁNSKÝ, Zbynek. Predmet muzeologie [O objeto da Museologia]. *In: STRÁNSKÝ, Zbynek. Sborník materiálu prvního muzeologického sympozia*. Brno: Museu da Morávia, 1965. p. 30-33.

SWAUGER, James. *In: Museological Working Papers (MuWop). Museology: science or just practical museum work?. n.1*, Estocolmo: ICOFOM / Statens historiska museum, 1980, p. 45-46.

TSURUTA, Soichiro. *In: Museological Working Papers (MuWop). Museology: science or just practical museum work?. n.1*, Estocolmo: ICOFOM / Statens historiska museum, 1980, p. 47-49.

VOGT, Carlos. **A espiral da cultura científica**, 2003. Disponível em: www.comciencia.br/reportagens/cultura/cultura01.shtml. Acesso em 17 mai. de 2021.

VOGT, Carlos. **A espiral da cultura científica**: da comunicação entre pares até a ampla divulgação científica para a sociedade. [Entrevista cedida a] Kátia Kishi. *Galoá Jornal* [200-]. Disponível em: <https://galoa.com.br/blog/entrevista-carlos-vogt-e-espiral-da-cultura-cientifica>. Acesso em: 26 maio 2021

ZOUHDI, Bachir. *In: Museological Working Papers (MuWop). Museology: science or just practical museum work?. n.1*, Estocolmo: ICOFOM / Statens historiska museum, 1980, p. 50-51.